

A AUSTERIDADE É AUTORITÁRIA UNIDADE PARA O DERRUBE DO GOVERNO DA TROIKA!



RESOLUÇÃO DA MESA NACIONAL DO BLOCO DE ESQUERDA - 22/6/2013

1. O governo é protegido de Belém e da Troika. Cabe ao povo derrubá-lo.

A greve geral de 27 de Junho será um momento de grande convergência das resistências populares à austeridade. A importância da greve geral é crucial porque responde a um momento crítico do percurso de destruição realizado pelo governo da troika. A estratégia de empobrecimento tem acentuado sempre mais o roubo de salários e pensões, o desemprego, o aumento do horário de trabalho. Mas, em Julho, o governo inicia uma fase qualitativamente nova da política do memorando. Com o início da oitava avaliação da troika, Paulo Portas anunciará o plano de demolição do Estado Social, cortes em contra-relógio no valor de 4700 milhões de euros nos serviços públicos, saúde, educação, segurança social. A consumarem-se, estes cortes resultarão no despedimento, já em preparação, de dezenas de milhares de funcionários públicos; na sobrecarga da população com novas taxas e contribuições sobre pensões, reformas e serviços essenciais; no colapso do funcionamento de muitos destes serviços.

A primeira implicação desta violência social é o contínuo desafio do governo à própria legalidade democrática. É há muito evidente que a austeridade ultrapassa necessariamente todos os limites protegidos pela Constituição. Derrotado no Tribunal Constitucional, o governo executa agora, com o adiamento do pagamento do subsídio de férias, uma vingança política contra a própria letra da lei. Este adiamento tem consequências diretamente recessivas e portanto penaliza as próprias contas do Estado. Ele é pura arbitrariedade política de um governo violento mas ferido, cuja debilidade é sublinhada pelo facto de mais de 80 municípios terem já anunciado desobediência e a decisão de cumprir a lei, realizando em Junho o pagamento do subsídio de férias. Também perante a luta dos professores ficou à vista a chantagem como estratégia do governo e o confronto com a própria lei da greve.

A segunda implicação é uma acelerada desagregação do governo, a partir da luta do CDS pela sua sobrevivência e reciclagem política. O ministro de

Estado Paulo Portas apresenta-se como se não governasse e não tivesse responsabilidade na presente catástrofe social. As suas promessas de florescimento económico, criação de emprego e baixa de impostos só têm uma leitura, aliás generalizada: o início de um longo espetáculo de cinismo político que prepara o divórcio do PSD e o noivado com o PS, num cenário de rutura da atual coligação para uma nova maioria na prossecução da austeridade.

Neste processo de enfraquecimento político do executivo, a evolução autoritária conta com o indispensável apoio do Presidente da República. Quanto mais isolado está o governo perante o país, maior o apoio que recebe de Belém. Ao recusar a convocação de novas eleições, Cavaco Silva torna-se protagonista central do impasse político e institucional. A recente promulgação do adiamento do pagamento dos subsídios de férias é mais um exemplo. Ao tornar legal aquilo que era ilegal, Cavaco Silva protegeu o governo, contra os trabalhadores e o Estado de Direito.

Perante este vazio, é pelas mãos de quem luta que se defende hoje a democracia tal como a conhecemos, não só a proteção do Estado Social como a das liberdades sob ameaça - desde logo o direito à greve, cuja lei o governo pretende alterar. O Bloco de Esquerda assumirá um conjunto de iniciativas e contactos com sindicatos e Comissões de Trabalhadores, para participação nos piquetes de greve, para que a greve geral constitua um êxito.

2. Perante as desistências do Partido Socialista, impõe-se clareza à esquerda.

António José Seguro escolheu a ambiguidade como estratégia política e eleitoral. Ao mesmo tempo que convoca uma mirífica maioria absoluta, desenvolve uma aproximação aberta ao CDS de Paulo Portas. Enquanto se refere à mutualização da dívida e a políticas europeias progressivas, jura fidelidade ao pacto orçamental europeu e faz da submissão à dívida uma patética "questão de honra". Para apelar a convergências à esquerda e à direita, desvaloriza iniciativas importantes, como a realizada por Má-

rio Soares na Aula Magna. Perante o desemprego galopante, Seguro invoca a intervenção europeia (...a partir do ano 2021) enquanto se congratula com a privatização dos CTT e da TAP a favor de interesses brasileiros.

Esta estratégia é coerente com a da família política socialista no plano europeu - no Estado espanhol, Rubalcaba propõe pactos de regime ao governo zombie do Partido Popular; em França, Hollande abandona cada ponto progressivo do seu programa para afundar-se no caminho da austeridade. O que sobra desta estratégia é um alinhamento essencial com a política da troika, o prosseguimento da austeridade e o cumprimento do memorando.

O Bloco mantém o rumo da sua Convenção: trabalhar por uma maioria social que sustente um governo de esquerda. Um governo definido pelo seu programa de rutura com o memorando - abatimento da dívida, reforma fiscal, controlo público do sistema financeiro -, um governo comprometido com a devolução de tudo o que foi roubado nos anos da austeridade: bens estratégicos privatizados, emprego, salários, pensões. A presente catástrofe do desemprego e da fome, da precariedade e da emigração forçada, só pode ser revertida rompendo o garrote da dívida.

3. Greve dos professores: unidade para defender o Estado Social.

O Bloco de Esquerda saúda os professores e as professoras de todo o país, que tomam em mãos a defesa da escola pública, um dos principais alvos da política de desemprego e demolição do Estado social. Com a greve de 17 de Junho, infligiram ao governo a primeira derrota do seu plano de despedimentos em massa e degradação dos serviços públicos.

Impedido pelos tribunais de sequestrar os professores com serviços mínimos ilegais, Nuno Crato optou pelo sequestro dos alunos, instalando o caos nos exames. Esta arbitrariedade não obedeceu a qualquer critério de interesse público: prejudica toda a comunidade escolar na simples tentativa - falhada - de quebrar a unidade dos professores e o direito à greve.

Na véspera da greve, o ministro garantiu pessoalmente que tudo decorreria segundo as suas imposições.

No dia seguinte, foi derrotado em toda a linha por uma greve com adesão acima dos 90%, ficando

tão sozinho como esteve um dia Maria de Lurdes Rodrigues. Nuno Crato é o responsável pelo caos nos exames finais e a sua própria continuidade no governo é insustentável.

Na continuidade da luta pela escola pública e pelo emprego, os professores sabem que continuam a contar com a força e a solidariedade do Bloco de Esquerda.

4. Co-adoção abre o caminho à luta pela adoção plena.

O Bloco de Esquerda bateu-se sempre por direitos por inteiro. O Bloco foi pioneiro da luta pelo reconhecimento do direito ao casamento e à adoção por casais homossexuais. Celebramos cada vitória desse caminho. A aprovação da coadoção é um avanço real, corresponde a parte de mudanças há muito exigidas e terá consequências na vida de muitas famílias.

O Bloco compromete-se com a defesa desta vitória no momento em que a maioria parlamentar de direita a tentar reverter. Ela abre caminho ao reconhecimento do direito pleno à adoção, pelo qual continuaremos a lutar.

O movimento LGBT e a democracia podem vencer. O Bloco saúda a Marcha do Orgulho, que decorre hoje sob o signo das novas conquistas. A sua continuidade depende, antes de mais, da presença e da voz própria do movimento LGBT.

5. Solidariedade com a primavera turca, a resistência grega e a mobilização brasileira

5.1 A situação internacional está marcada pelos recentes desenvolvimentos políticos na Turquia e na Grécia. A revolta turca demonstra os limites do governo islamista na condução do país, seja na solução da questão curda, seja na permanência de agudas desigualdades sociais, seja ainda na frustração das aspirações de liberdade da sociedade turca. A deriva repressiva de Ankara convoca a solidariedade internacional com a Primavera da Turquia, país com longos pergaminhos de violação dos direitos humanos pelas forças do Estado.

5.2 Na Grécia, o governo da troika liderado por Antonis Samaras em aliança com o Pasok e o Dimar ("Esquerda Democrática") entrou em crise com as grandes mobilizações após o encerramento do serviço público de rádio e televisão, numa operação relâmpago resultante da imposição pela troika do

despedimento imediato de dois mil funcionários públicos.

Ao longo do último ano consolidou-se na sociedade grega uma ampla maioria social contra o memorando, que tem no Syriza a sua expressão mais importante. Perante a evolução da situação grega, o Bloco de Esquerda afirma a sua solidariedade com os trabalhadores da ERT, assim como com toda a esquerda grega que se mobiliza contra a humilhação de todo um povo espelhada nesta decisão do governo Samaras. A queda iminente do governo grego, a consumir-se, seria uma boa notícia para os povos da União Europeia e um primeiro passo essencial para um novo arco de aliança na Europa do sul, que permita a emergência de governos de esquerda e o fim da austeridade.

5.3 Em diversas cidades brasileiras, o aumento do preço dos transportes - associado ao investimento do governo Dilma em obras faraônicas relacionadas com grandes eventos desportivos - despoletou uma onda de protestos que cresceu à medida que se tornou evidente a opção pela repressão sobre manifestantes e imprensa, tal como a Amnistia Internacional sinalizou.

O Bloco de Esquerda manifesta a sua condenação da violência estatal e a sua solidariedade com o movimento popular crescente, expressão popular da recusa da corrupção e da promiscuidade entre política e negócios, vividas no contexto de uma expansão económica onde permanecem desigualdades profundas.

6. O Bloco a caminho das autárquicas

Contra todas as alternativas razoáveis, o Governo decidiu marcar as eleições autárquicas para 29 de Setembro. A lei possibilitava que se realizassem em Outubro, como tem sido habitual, permitindo distanciar a campanha eleitoral se do período de férias e da abertura do ano letivo, dando mais tempo para a organização dos cadernos eleitorais, prejudicada pelas fusões das freguesias. A opção por esta data é uma tentativa de afastar o voto autárquico do debate público sobre o Orçamento de Estado para 2014, que agravará a austeridade, o desemprego, os cortes sociais e o estado depressivo da economia. Ao contrário do que diz Passos Coelho, o Governo tem medo do voto popular.

O Bloco reafirma a sua determinação em impugnar todas as candidaturas de autarcas que tenham atingido o limite de mandatos e que se recandidatem

noutros concelhos. São candidatas fora-da-lei que procuram pressionar os tribunais, nomeadamente em cidades como Lisboa e Porto, através da ameaça de desestabilização do processo eleitoral pela apresentação de sucessivos recursos sobre as decisões que os consideraram essas ilegais.

Estão a ser apresentadas candidaturas autárquicas do Bloco por todo o país. As nossas propostas em defesa da democracia local e da resposta de proximidade à emergência social cheguem à maioria das comunidades locais. Esse empenho será reforçado nas próximas semanas, com uma ampla mobilização de ativistas e cidadãos independentes que participam nas candidaturas autárquicas do Bloco.

O Bloco integra as coligações autárquicas contra o jardimismo no Funchal e em Câmara de Lobos e dará o seu apoio a cerca de uma dezena de candidaturas de cidadãos por todo o país, incluindo em importantes cidades capitais de distrito, com programas de mudança e de alternativa autárquica.

7. Um verão carregado de iniciativa: o Bloco responde à ofensiva do governo

Até à campanha autárquica, o Bloco de Esquerda empenha-se numa agenda intensa, à altura das exigências políticas do ciclo de ofensiva que o governo pretende abrir em pleno Verão.

No próximo dia 29 de Junho realizar-se-á em Lisboa um Encontro Internacional de Sindicalistas do PEE que procurará responder à ofensiva neoliberal austeritária contra o trabalho.

Entre 3 e 7 de Julho, realiza-se no Porto a Universidade de Verão do Partido da Esquerda Europeia, com delegações de dezenas de partidos e convidados de toda a Europa, entre os quais os líderes dos principais partidos da esquerda europeia anti-troika.

Ao longo dos meses de Julho e Agosto, dirigentes e deputados apresentam a proposta do Bloco em quase duas dezenas de comícios ao ar livre, nas zonas onde muitos de portugueses fazem férias.

No último fim de semana de Julho, tem lugar em São Pedro do Sul o acampamento anual de jovens do Bloco de Esquerda, Liberdade 2013.

Um mês depois, no último fim de semana de Agosto, o Bloco faz a sua reentré política no fórum de ideias Socialismo 2013.